

Enfermagem Moderna: Bases de Rigor Técnico e Científico 4

**Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra
(Organizadora)**



Enfermagem Moderna: Bases de Rigor Técnico e Científico 4

**Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra
(Organizadora)**



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E56	Enfermagem moderna [recurso eletrônico] : bases de rigor técnico e científico 4 / Organizadora Isabelle Cordeiro De Nojosa Sombra. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Enfermagem Moderna: Bases de Rigor Técnico e Científico; v. 4) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-812-0 DOI 10.22533/at.ed.120192211 1. Enfermagem – Pesquisa – Brasil. 2. Enfermeiros – Prática. 3. Saúde – Brasil. I. Sombra, Isabelle Cordeiro De Nojosa. II. Série. CDD 610.73
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*Enfermagem Moderna: Bases de Rigor Técnico e Científico*” aborda uma série de estudos realizados na área da Enfermagem, sendo suas publicações realizadas pela Atena Editora. Em sua totalidade está composta por 2 volumes, sendo eles classificados de acordo com a área de abrangência e temáticas de estudo. Em seus 29 capítulos, o volume IV aborda estudos com foco na educação em saúde, formação em enfermagem, com publicações relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão na formação profissional, além da saúde ocupacional, e pesquisas epidemiológicas.

Os estudos realizados contribuem para fornecer conhecimento acerca da formação profissional em enfermagem desde a graduação e formação técnica como, também, no contexto relacionado ao aprimoramento. Além disso, as pesquisas que envolvem a saúde ocupacional do profissional de enfermagem são fundamentais diante da exposição às cargas exaustivas de trabalho, havendo comprovadamente um impacto substancial na sua saúde física e mental.

As pesquisas epidemiológicas fornecem subsídios para o maior conhecimento sobre a realidade nos mais variados contextos de assistência à saúde. Sendo assim, são fundamentais para o planejamento, elaboração e implementação de estratégias cujo objetivo é a promoção da saúde da população.

Portanto, este volume IV é dedicado ao público usuário dos serviços de saúde, no tocante ao desenvolvimento de práticas de promoção da saúde, além de ser de extrema relevância para enfermeiros e demais profissionais atuantes na assistência, docentes da área e discentes, trazendo artigos que abordam informações atuais sobre as práticas de saúde e experiências do ensino e aprendizagem no âmbito da saúde aos mais variados públicos.

Ademais, esperamos que este livro forneça subsídios para aperfeiçoar cada vez mais a formação em enfermagem, objetivando fortalecer e estimular as práticas educativas desde a atuação assistencial propriamente dita, até a prática dos docentes formadores e capacitadores, o que culminará em uma perspectiva cada vez maior de excelência no cuidado. Além disso, ressaltamos a importância da atenção à saúde do profissional.

Isabelle C. de N. Sombra

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FORMAÇÃO ACADÊMICA NO CURSO DE ENFERMAGEM PARA LIDAR COM O PROCESSO DE MORTE/MORRER	
Monyka Brito Lima dos Santos Carleana Kattwilly Oliveira Valdênia Guimarães e Silva Menegon	
DOI 10.22533/at.ed.1201922111	
CAPÍTULO 2	11
TRANSTORNOS DO USO DE TABACO EM TRABALHADORAS DE ENFERMAGEM	
Sônia Regina Marangoni Beatriz Ferreira Martins Tucci Aroldo Gavioli Bruna Diana Alves Aline Vieira Menezes Magda Lúcia Félix de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1201922112	
CAPÍTULO 3	22
RISCOS DE OCORRÊNCIA DE TRANSTORNOS MENTAIS EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM	
Monyka Brito Lima dos Santos Cintia Fernanda de Oliveira Santos Surama Almeida Oliveira Jociane Cardoso Santos Ferreira Mayanny da Silva Lima Polyana Cabral da Silva Camila Leanne Teixeira Coêlho de Sousa Giuvan Dias de Sá Junior Pamela Jaslana Oliveira Barros Carvalho Irene Sousa da Silva Antônia Deiza Rodrigues de Carvalho Ana Carolina Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1201922113	
CAPÍTULO 4	34
CONFLITOS EMOCIONAIS VIVENCIADOS PELOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM E SUA INFLUÊNCIA PARA O SOFRIMENTO PSÍQUICO	
Cintia Fernanda de Oliveira Santos Monyka Brito Lima dos Santos Surama Almeida Oliveira Jociane Cardoso Santos Ferreira Camila Leanne Teixeira Coêlho de Sousa Giuvan Dias de Sá Junior Edivania Silva de Sá Irene Sousa da Silva Ana Carolina Rodrigues da Silva Luciana Magna Barbosa Gonçalves de Jesus Auricelia Costa Silva Walana Érika Amâncio Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1201922114	

CAPÍTULO 5	45
A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE SOBRE SÍFILIS CONGÊNITA NO PERÍODO DE 2008 A 2017	
Agatha Soares de Barros de Araújo Thelma Spindola Alan Barboza de Araújo Karen Silva de Sousa Ivete Letícia da Silva Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.1201922115	
CAPÍTULO 6	54
A VIVÊNCIA DO ACADÊMICO DE ENFERMAGEM NA REALIZAÇÃO DO EXAME CITOPATOLÓGICO: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA	
Jailton Luiz Pereira do Nascimento Ana Claudia Queiroz Bonfin José Musse Costa Lima Jereissati Alexandre Nakakura Rosilaine Gomes dos Santos Carlos André Moura Arruda	
DOI 10.22533/at.ed.1201922116	
CAPÍTULO 7	66
CONHECIMENTO DOS CUIDADORES SOBRE A ASSISTÊNCIA PRÉ E PÓS-OPERATÓRIA A CRIANÇAS COM CARDIOPATIA CONGÊNITA	
Rebeka Maria de Oliveira Belo Monique Oliveira do Nascimento Andrey Vieira de Queiroga Hirla Vanessa Soares de Araújo Tamyres Millena Ferreira Mayara Inácio de Oliveira Gabriela Freire de Almeida Vitorino Karyne Kirley Negromonte Gonçalves Thaís Remígio Figueirêdo Simone Maria Muniz da Silva Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.1201922117	
CAPÍTULO 8	83
CONHECIMENTO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE SOBRE HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS EM UNIDADE DE PRONTO-SOCORRO	
Caroline Zottele Juliana Dal Ongaro Angela Isabel dos Santos Dullius Tânia Solange Bosi de Souza Magnago	
DOI 10.22533/at.ed.1201922118	
CAPÍTULO 9	96
CONSTRUÇÃO DE CARTILHA EDUCATIVA PARA ORIENTAÇÃO DE CUIDADORES DE CRIANÇA COM SÍNDROME NEFRÓTICA IDIOPÁTICA	
Nathália Marques de Andrade Ana Claudia Queiroz Bonfin José Musse Costa Lima Jereissati Carlos André Moura Arruda	

Alexandre Nakakura
Fernanda Rochelly do Nascimento Mota
DOI 10.22533/at.ed.1201922119

CAPÍTULO 10 112

CRIAÇÃO DA LIGA DE ENFERMAGEM FORENSE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Crislene de Araújo Cruz Silva
Erica Santos Silva
Juliana Prado Ribeiro Soares
Fernanda Kelly Fraga Oliveira
Naiane Regina Oliveira Goes Reis

DOI 10.22533/at.ed.12019221110

CAPÍTULO 11 117

CURRÍCULO PARALELO DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DO NORTE DE MINAS GERAIS

Gabriella Gonçalves Coutinho
Maria Madalena Soares Benício
Thiago Braga Veloso
Edileuza Teixeira Santana
Orlene Veloso Dias
Danilo Cangussu Mendes
Viviane Braga Lima Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.12019221111

CAPÍTULO 12 128

EDUCAÇÃO EM SAÚDE: ESTRATÉGIAS DE ENFERMAGEM PARA O CUIDADO DAS DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS NA ATENÇÃO BÁSICA

Katariny de Veras Brito
Rosany Casado de Freitas Silva
Josefa Jaqueline de Sousa
Talita Costa Soares Silva
Girlene Moreno de Albuquerque
Katiane da Silva Gomes
Maria Vitória da Silva Mendes
Josefa Danielma Lopes Ferreira
Shirley Antas de Lima

DOI 10.22533/at.ed.12019221112

CAPÍTULO 13 139

ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO NA CONSULTA DE PRÉ-NATAL

Jessica Maia Storer
Amanda Correia Rocha Bortoli
Bruna Decco Marques da Silva
Demely Biason Ferreira
Edrian Maruyama Zani
Fabiana Fontana Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.12019221113

CAPÍTULO 14 142

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE: EXPERIÊNCIAS E APRENDIZADOS

Juscimara de Oliveira Aguilár
Carla dos Anjos Siqueira
Camila Diana Macedo
Cíntia Maria Rodrigues
Daisy de Rezende Figueiredo Fernandes
Maria Jesus Barreto Cruz
Maria da Penha Rodrigues Firmes

DOI 10.22533/at.ed.12019221114

CAPÍTULO 15 150

GÊNERO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO FOCO DE ATENÇÃO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO NA ÁREA DE SAÚDE

Eveline Christina Czaika
Maria Isabel Raimondo Ferraz
Guilherme Marcelo Guimarães da Cruz
Maria Lúcia Raimondo
Alexandra Bittencourt Madureira

DOI 10.22533/at.ed.12019221115

CAPÍTULO 16 158

GRUPOS FOCAIS EM PESQUISA SOBRE SEGURANÇA DO PACIENTE: POTENCIALIDADES E DESAFIOS

Silvana Cruz da Silva
Letícia Becker Vieira
Karen Jeanne Cantarelli Kantorski
Caroline Bolzan Ilha
Adriana Catarina de Souza Oliveira
Eva Néri Rubim Pedro

DOI 10.22533/at.ed.12019221116

CAPÍTULO 17 171

NÚCLEO MULTIPROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE- FOCO NA PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DE AGRAVOS

Maria Antonia Ramos Costa
João Pedro Rodrigues Soares
Hanna Carolina Aguirre
Ana Maria Fernandes de Oliveira
Natalia Orleans Bezerra
Vanessa Duarte de Souza
Dandara Novakowski Spigolon
Giovanna Brichi Pesce
Heloá Costa Borim Christinelli
Kely Paviani Stevanato
Neide Derenzo
Tereza Maria Mageroska Vieira

DOI 10.22533/at.ed.12019221117

CAPÍTULO 18	182
O CONHECIMENTO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM SOBRE CUIDADOS COM A FISTULA ARTERIOVENOSA EM UM CENTRO DE HEMODIÁLISE	
Karllieny de Oliveira Saraiva Monyka Brito Lima dos Santos Augusto César Evelin Rodrigues Jociane Cardoso Santos Ferreira Jeíse Pereira Rodrigues Jumara Andrade de Lima Magda Wacemberg Silva Santos Souza Andréia Pereira dos Santos Gomes Bentinelis Braga da Conceição Paulliny de Araujo Oliveira Rosevalda Cristine Silva Bezerra Camilla Lohanny Azevedo Viana	
DOI 10.22533/at.ed.12019221118	
CAPÍTULO 19	194
VISITA A UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA POR ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Adriana Oliveira Magalhães Annelyse Barbosa Silva Cristiane dos Santos Kélbias Correa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.12019221119	
CAPÍTULO 20	202
VALORIZAÇÃO DA AUTOIMAGEM ATRAVÉS DA DINÂMICA DO ESPELHO	
Jhenyfer Ribeiro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.12019221120	
CAPÍTULO 21	205
A VIOLÊNCIA CONTRA IDOSO ENTRE 2013 E 2017 NO MUNICÍPIO PORTO ALEGRE	
Laís Freitas Beck Igor de Oliveira Lopes Isabel Cristina Wingert Kátia Fernanda Souza de Souza Raquel de Almeida Rithiely Allana Bárbaro Maristela Cassia de Oliveira Peixoto Geraldine Alves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.12019221121	
CAPÍTULO 22	217
ANÁLISE DO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM UMA CIDADE DO SUL DO BRASIL	
Jéssyca Slompo Freitas Maria Lúcia Raimondo Maria Isabel Raimondo Ferraz Alexandra Bittencourt Madureira	
DOI 10.22533/at.ed.12019221122	

CAPÍTULO 23 228

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE MULHERES DIAGNOSTICADAS COM LESÃO INTRAEPITELIAL DE ALTO GRAU (NIC II E NIC III) POR CITOLOGIA ONCÓTICA NO PERÍODO DE 2014 A 2017 EM PARNAÍBA - PI

Elizama Costa dos Santos Sousa
Carlos Leandro da Cruz Nascimento
Antonio Thomaz de Oliveira
Vânia Cristina Reis Cavalcante
Morgana de Oliveira Tele
Joel Araújo dos Santos
Bartolomeu da Rocha Pita
Mayla Cristinne Muniz Costa
Ana Letícia de Aragão Oliveira Araripe
Nelsianny Ferreira da Costa
Tatyanne Silva Rodrigues
Isadora Batista Lopes Figueredo
Simone Expedita Nunes Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.12019221123

CAPÍTULO 24 245

PREVALÊNCIA DE DORES OSTEOMUSCULARES RELACIONADOS AO TRABALHO E SUA INFLUENCIA NA QUALIDADE DE VIDA EM TECNICOS DE ENFERMAGEM NA FUNDAÇÃO HOSPITALAR SANTA TEREZINHA - ERECHIM-RS

Bruna Carla Tesori
Arthiese Korb
Patricia Bazzanello

DOI 10.22533/at.ed.12019221124

CAPÍTULO 25 257

USO DE PRESERVATIVO POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS E A PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Thelma Spindola
Agatha Soares de Barros de Araújo
Claudia Silvia Rocha Oliveira
Debora Fernanda Sousa Marinho
Raquel Ramos Woodtli
Thayná Trindade Faria

DOI 10.22533/at.ed.12019221125

CAPÍTULO 26 269

FATORES DETERMINANTES DA PRÉ-ECLÂMPSIA COM ÊNFASE EM VARIÁVEIS DO PRÉ-NATAL

Mayna Maria de Sousa Moura
Thayse Iandra Duarte Barreto
Karla Joelma Bezerra Cunha
Francisco Lucas de Lima Fontes
Vanessa Rocha Carvalho Oliveira
Wesley Brandolee Bezerra Fernandes
Maria da Cruz Silva Pessoa Santos
Denise Sabrina Nunes da Silva
Aline Sousa da Luz
Mardem Augusto Paiva Rocha Junior
Hallyson Leno Lucas da Silva

CAPÍTULO 27	281
A PRESENÇA DO ACOMPANHANTE NO CENÁRIO DO NASCIMENTO: PERCEPÇÃO DA PARTURIENTE	
Bruna Rodrigues de Jesus	
Nayara Ruas Cardoso	
Débora Cristina da Silva Andrade	
Diana Matos Silva	
Cristiano Leonardo de Oliveira Dias	
Luciana Barbosa Pereira	
Sibylle Emilie Vogt	
Clara de Cássia Versiani	
DOI 10.22533/at.ed.12019221127	
CAPÍTULO 28	292
A SAÚDE DOS IDOSOS NA PERCEPÇÃO DE CRIANÇAS	
Iara Sescon Nogueira	
Pamela dos Reis	
Ieda Harumi Higarashi	
Sonia Silva Marcon	
Vanessa Denardi Antoniassi Baldissera	
DOI 10.22533/at.ed.12019221128	
CAPÍTULO 29	298
CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM EXCESSO DE PESO: ASPECTOS ANTROPOMÉTRICOS, PRESSÓRICOS E LABORATORIAIS NA CONSULTA INICIAL EM AMBULATÓRIO ESPECIALIZADO	
Heloisa Ataíde Isaia	
Leris Salete Bonfanti Haeffner	
DOI 10.22533/at.ed.12019221129	
SOBRE A ORGANIZADORA	309
ÍNDICE REMISSIVO	310

PREVALÊNCIA DE DORES OSTEOMUSCULARES RELACIONADOS AO TRABALHO E SUA INFLUENCIA NA QUALIDADE DE VIDA EM TECNICOS DE ENFERMAGEM NA FUNDAÇÃO HOSPITALAR SANTA TEREZINHA - ERECHIM-RS

Bruna Carla Tesori

Acadêmica da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI - Erechim, RS, Brasil.

Arthiese Korb

Fisioterapeuta formada pela UFSM, Doutora em Ciências Médicas pela UFRGS, Docente do Departamento de Ciências da Saúde da URI Erechim.

Patricia Bazzanello

Fisioterapeuta, formada pela URI-ERECHIM, Mestre em Envelhecimento Humano pela UPF, Docente do Departamento de Ciências da Saúde da URI Erechim.

RESUMO: Com o passar dos anos, observou-se um aumento significativo de dores osteomusculares relacionado ao trabalho, afetando a qualidade de vida do profissional, gerando um maior nível de afastamento ao trabalho. Nesse contexto, as condições de trabalho dos profissionais de enfermagem no Brasil são cada vez mais desafiadoras, devido à falta de recursos, acarretando sobrecarga desses profissionais em seu ambiente de trabalho, o que leva ao aparecimento de diversas patologias, sejam elas físicas ou psíquicas. Pensando nisso o presente estudo teve como objetivo verificar a ocorrência de dores osteomusculares relacionadas ao trabalho, identificar as regiões do corpo que mais são

afetadas e a qualidade de vida dos técnicos de enfermagem da Fundação Hospitalar Santa Terezinha no município de Erechim-RS, através de questionários aplicados sobre dor e qualidade de vida. A amostra foi composta por 143 técnicos de enfermagem de todos os setores do hospital, destes 10,5% eram do sexo masculino e 89,5% do sexo feminino. Os resultados do presente estudo demonstraram 56,6% apresentam dor crônica, 29,4% dor aguda e apenas 14% ausência de dor, sendo a região mais acometida a região lombar, cervical e ombros. Destes profissionais mais de 75% afirmaram que suas dores são relacionadas ao trabalho, quanto a qualidade de vida foi possível constatar que o domínio físico foi o que obteve a menor pontuação. Contudo, os resultados evidenciam que os técnicos de enfermagem apresentam dores osteomusculares, o que vem a influenciar na sua qualidade de vida e no seu trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Técnicos de enfermagem, Fisioterapia, Qualidade de vida.

PREVALENCE OF OSTEOMUSCULAR
PAINTS RELATED TO WORK AND ITS
INFLUENCE ON THE QUALITY OF LIFE IN
NURSING TECHNICIANS IN THE HOSPITAL
FOUNDATION SANTA TEREZINHA -
ERECHIM-RS.

ABSTRACT: With the passing of the years, a significant increase in musculoskeletal pain related to work was observed, affecting the quality of life of the professional, generating a higher level of distance from work. In this context, the working conditions of nursing professionals in Brazil are increasingly challenging, due to the lack of resources, resulting in the overload of these professionals in their work environment, which leads to the appearance of several pathologies, whether physical or psychic. The present study aimed to verify the occurrence of work-related osteomuscular pain, to identify the regions of the body that are most affected and the quality of life of the nursing technicians of the Santa Terezinha Hospital Foundation in the city of Erechim-RS, through applied questionnaires on pain and quality of life. The sample consisted of 143 nursing technicians from all sectors of the hospital, of whom 10.5% were male and 89.5% female. The results of the present study showed that 56.6% had chronic pain, 29.4% had acute pain and only 14% had no pain. The region was most affected by the lower back, neck and shoulders. Of these professionals more than 75% stated that their pains are related to work, as for the quality of life it was possible to verify that the physical domain was the one that obtained the lowest score. However, the results show that nursing technicians have musculoskeletal pain, which influences their quality of life and their work.

KEYWORDS: Nursing technicians, Physiotherapy, Quality of life.

INTRODUÇÃO

O trabalho tem um papel importante na vida do homem, pois, além de ser fonte do seu sustento, é onde este pode se sentir útil, produtivo e valorizado, tendo sua autoestima elevada, passando a contar com a possibilidade concreta de auto realização. (DELIBERATO, 2002). Como o trabalho possui uma posição central na vida dos seres humanos, a incapacidade para realização de uma determinada atividade laboral tem influência na vida do trabalhador e na qualidade de suas relações familiares e sociais. (ALENCAR et al., 2010).

A Organização Mundial de Saúde caracterizou as doenças musculoesqueléticas relacionadas ao trabalho como multifatoriais, envolvendo fatores físicos, organizacionais, psicossociais, aspectos individuais e socioculturais. Os distúrbios do sistema musculoesquelético no trabalho ocorrem frequentemente quando a demanda física do trabalho excede a capacidade física do trabalhador. (ALENCAR et al., 2010). Esses distúrbios são considerados a maior causa de afastamento do trabalho, capaz de gerar incapacidade e sofrimento ao trabalhador. (GARCIA et al., 2004).

Os técnicos de enfermagem são profissionais que atuam em atividades auxiliares, de cuidados ao paciente. (FERREIRA et al., 2016). As condições de trabalho dos profissionais de enfermagem no Brasil são cada vez mais desafiadoras, devido à falta de recursos, acarretando a sobrecarga desses profissionais em seu ambiente de trabalho, o que leva ao aparecimento de diversas patologias, sejam elas físicas ou psíquicas. (FONSECA et al., 2006).

Pensando nisso o presente estudo teve como objetivo verificar a prevalência de dores e sintomas musculoesqueléticas e se são oriundos do trabalho, a capacidade para o trabalho e qualidade de vida nos técnicos de enfermagem da Fundação Hospitalar Santa Terezinha Erechim (FHSTE), podendo futuramente contribuir para uma ação de intervenção e prevenção.

METODOLOGIA

A estratégia utilizada nessa pesquisa foi o estudo transversal, de caráter quantitativo e tipo exploratório. O tamanho da amostra foi realizado através de estatística amostral utilizando-se nível de confiança de 95%, com margem de erro de 5% e o tamanho da população como sendo 298 profissionais técnicos de enfermagem (dado fornecido pelo Setor do RH do Hospital Santa Terezinha Erechim- RS), resultando em uma amostra de 143 participantes em todos os setores do hospital. Os participantes foram selecionados por disponibilidade e por concordância em participar da pesquisa. Foram incluídos indivíduos que exerçam a profissão de técnicos de enfermagem de ambos os sexos, sem limite de idade, e que concordaram com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e excluídos indivíduos que não concordarem com algum item do TCLE.

Para a coleta dos dados foram realizadas visitas periódicas nos três turnos de trabalho do hospital em todos os setores, os questionários foram respondidos de forma individual, por ordem de disponibilidade de cada funcionário ao seu setor em horário de trabalho. No primeiro contato foi explicado o objetivo da pesquisa, com a aceitação assinado o TCLE, posteriormente responderam o questionário nórdico de sintomas osteomusculares, que consiste em um diagrama do corpo humano com quatro possibilidades de classificação de intensidade da dor, ou ausência da mesma, logo após o WHOQOL-bref um questionário sobre qualidade de vida. E por fim uma escala visual numérica multidimensional Emador relatando de 0 a 10 qual a classificação da intensidade da dor.

Para análise dos dados foi realizado dados por meio da média e desvio padrão com apresentação dos dados na forma de tabelas e gráficos, bem como cálculo de porcentagem para determinar a prevalência. Mann-Whitney ao nível de significância de 5% por teste não paramétrico, teste do qui-quadrado ao nível de significância de 5%. Os dados obtidos serão armazenados e tabulados no Software Microsoft® Excel. Será considerado nível de significância de $p < 0,05$.

RESULTADOS

A presente pesquisa foi realizada com uma amostra de 143 técnicos, sendo 15(10,5%) profissionais do sexo masculino e 128(89,5%) do sexo feminino A população obtida foi de 160 técnicos de enfermagem, tendo de excluir 17 indivíduos

por não aceitarem participar da pesquisa.

A figura 1 demonstra a intensidade de dor dos funcionarios, estes dados foram obtidos pela aplicação do instrumento Escala Visual Numérica Multidimensional EMADOR, que classifica a intensidade da dor de 0 a 10, sendo que 0 significa ausência total de dor e 10 o nível de dor máxima suportável pelo paciente. Na figura observa se que 15,4% dos participantes relataram sentir dor classificada como 7, e 14% que não sentem nenhuma dor.

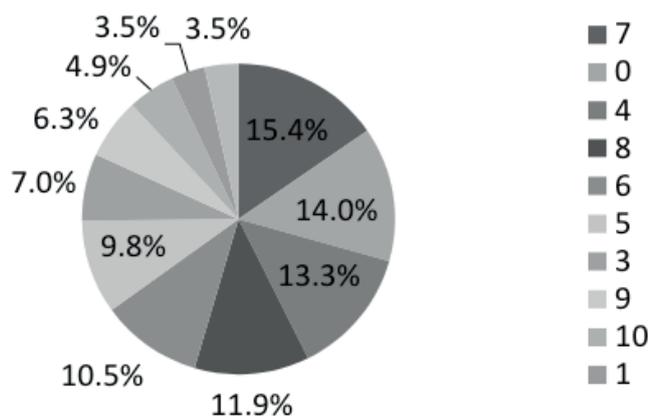


Figura 1 – Escala de Intensidade numérica de dor

A Tabela 01 apresenta a distribuição dos tipos de dor e ausência da mesma por sexo, o teste do Qui-quadrado, para independência, mostrou que não existe evidência de que o tipo de dor esteja relacionado com o sexo ($p = 0,517$), ou seja, a percepção da dor ou ausência da mesma é independente do sexo. Considerando ambos os sexos, 14,0% (20) não apresentam dor, 56,6% (81) apresentam dor crônica e 29,4% (42) apresentam dor aguda.

Sexo	Dor						p*
	Ausente		Crônica		Aguda		
	n	%	n	%	N	%	
Masculino	1	6,7	8	53,3	6	40,0	0,517
Feminino	19	14,8	73	57,0	36	28,1	
Total	20	14,0	81	56,6	42	29,4	-

Tabela 01 – Distribuição dos tipos de dor por sexo e para a amostra inteira. (EMADOR).

Não foi verificado na avaliação qual era a carga horaria do profissional, pois foi avaliado todos os setores de todos os turnos de trabalho, uma vez que o motivo da pesquisa esta relacionado com a prevalencia de disturbios osteomusculares porem observamos que o horario que os profissionais mais sentiam as dores osteomusculares esta entre o periodo das 20 hrs as 24hrs.

Segundo o instrumento de pesquisa EMADOR as regiões mais citadas pelos participantes com dor, ressaltando que cada individuo poderia assinalar mais que

um local, foram as regiões lombar esquerda citada 48 vezes(11,3%), a lombar direita citada 46 vezes (10,8%), região da escapula esquerda citada 33 vezes (7,7%), escapula direita(6,8) e cervical(6,8%), e assim sucessivamente.

A Tabela 02 mostra as regiões do corpo citadas pelos participantes da pesquisa acometidas de dor, desconforto ou dormência nos últimos 12 meses, a partir do instrumento NÓRDICO de sintomas osteomusculares. É possível verificar que das regiões citadas com dor, 36,5 % raramente apresentam a dor, 49,3 % apresenta dor frequentemente e 14,1 % das regiões sempre apresentam dor, desconforto ou dormência. Dor na região lombar é, individualmente, o motivo de maior queixa.

Regiões do corpo	Número de participantes da pesquisa	Proporção de citações (%)	Escore da dor*					
			1		2		3	
			n	%	n	%	n	%
Região lombar	91	16,7	30	33,0	46	50,5	15	16,5
Pescoço/cervical	83	15,2	18	21,7	65	78,3	0	0,0
membros inferiores	72	13,2	30	41,7	30	41,7	12	16,7
Ombros	70	12,8	20	28,6	40	57,1	10	14,3
Braços	67	12,3	29	43,3	23	34,3	15	22,4
Região dorsal	51	9,4	17	33,3	26	51,0	8	15,7
Punhos/mãos/dedos	44	8,1	19	43,2	16	36,4	9	20,5
Antebraços	27	5	17	63,0	7	25,9	3	11,1
Cotovelos	26	4,8	14	53,8	9	34,6	3	11,5
(Sem dor, desconforto ou dormência)	14	2,6	-	-	-	-	-	-
Total	545	100	194	36,5	262	49,3	75	14,1

Tabela 02– Regiões do corpo, citadas pelos participantes da pesquisa, como atingidas por dor, desconforto ou dormência. (NÓRDICO)

* 1 – raramente; 2 – com frequência; 3 – sempre.

A Tabela 03 demonstra a relação entre a quantidade de regiões afetadas pela dor e a parte destas consideradas oriundas do trabalho. No total dos técnicos de enfermagem 14 profissionais não sentem dores, 28 profissionais sentem dores em uma parte do corpo, destes 7 acreditam que sua dor não é devido ao trabalho, e 27 acreditam que essa dor em uma parte do corpo é oriunda do trabalho. Outras relações são possíveis de serem inferidas a partir da Tabela 06.

Quantidade de regiões	Partes do corpo com dor(resultado do trabalho)									Total	
	0	1	2	3	4	5	6	7	9	n	%
0	14	0	0	0	0	0	0	0	0	14	9,8
1	7	21	0	0	0	0	0	0	0	28	19,6
2	8	1	9	0	0	0	0	0	0	18	12,6
3	4	4	3	7	0	0	0	0	0	18	12,6
4	3	1	2	3	3	0	0	0	0	12	8,4
5	3	1	2	2	0	3	0	0	0	11	7,7
6	2	2	2	3	1	4	0	0	0	14	9,8
7	3	1	0	0	0	1	1	3	0	9	6,3
8	2	0	1	0	1	2	1	2	0	9	6,3
9	2	1	0	2	1	1	0	0	3	10	7,0
Total	48	32	19	17	6	11	2	5	3	143	100,0

Tabela 03– Relação entre a quantidade de regiões afetadas pela dor e a parte destas consideradas oriundas do trabalho

O módulo WHOQOL-BREF é constituído pelos domínios físico, psicológico, relação social, meio ambiente e qualidade de vida. Os resultados aqui apresentados são convertidos para comparação com o WHOQOL-OLD, ou seja, o escore pode variar de zero a 100, sendo que quanto maior o valor, melhor é o domínio de qualidade de vida avaliado. A Tabela 04 apresenta os resultados para os quatro domínios bem como a média de todos os domínios. Verifica-se que o domínio Físico é o de menor pontuação (55,2), sendo que a qualidade de vida é tanto melhor quanto mais próximo de 100. Já os domínios Psíquico, Social e Meio Ambiente oscilam entre, aproximadamente 64 e 69.

Estatística	Domínio				QV
	Físico	Psíquico	Social	Meio Ambiente	
Média	55,2	65,8	69,4	64,2	63,7
Desvio Padrão	8,6	11,2	16,3	9,1	8,9

Tabela 04 – Principais estatísticas descritivas para os escores dos domínios do Whoqol-bref.

DISCUSSÃO

No presente estudo, procurou-se ampliar os conhecimentos sobre as dores músculo esqueléticas na equipe de técnicos de enfermagem, apontando um grupo predominantemente feminino (89,5%). Já de muitas décadas, o setor saúde é historicamente feminino, a enfermagem por tradição e cultura, sempre contribuiu para essa feminilização da saúde. (PEREIRA et al., 2018). Os dados da pesquisa confirmam essa assertiva, esta prevalência se confirma por outros estudos (SCHMIDT et al, 2013; MAGNAGO et al., 2010; SCHMIDT et al., 2016) verificaram em suas pesquisas

a maior taxa de adesão de profissionais do sexo feminino no setor de enfermagem em hospitais.

De acordo com instrumento aplicado no nosso estudo, a Escala Visual Numérica Multidimensional EMADOR, que classifica a intensidade da dor de 0 a 10, observa-se que 15,4% dos participantes obtiveram uma dor relatada como 7, 14% que não sentem nenhuma dor, e 13,3% apresentam dor 4, conforme Martinez e colaboradores (2011) a dor é considerada uma experiência pessoal sendo influenciada por situações afetivas e emocionais, a dor quando não tratada pode vir a afetar o bem-estar do indivíduo, evoluindo para um estado de dor crônica. No nosso estudo verificou-se a prevalência de dor crônica (56,6%), o que denota um sério problema de saúde na população estudada, pois estudos vêm demonstrados que a dor afeta a produtividade do trabalho e a vida social. (EDWARDS et al., 2011). Nos técnicos de enfermagem, a dor crônica pode acontecer devido ao desinteresse com a própria saúde coligada à justificção de falta de tempo, dificuldade para conseguir consultas e tratamentos médicos que levam os profissionais de enfermagem a se habituarem aos sintomas musculoesqueléticos, fazendo com que estes não busquem o diagnóstico e tratamento correto. (OLIVEIRA et al., 2015), ou também, faz com que os trabalhadores escondam os sintomas, tanto dos profissionais de saúde como do superior, por medo de perderem seus empregos. (PEREIRA et al., 2018).

Com o passar do tempo e o avançar cronológico do trabalhador, torna-se frequente o aparecimento de doenças musculares relacionadas ao seu ambiente laboral, como nos mostra os gráficos e tabelas apresentados no estudo, segundo os questionários aplicados sobre dor osteomuscular nos 143 técnicos de enfermagem, é possível verificar que mais da metade dos profissionais tiveram alguma dor osteomuscular em uma ou mais regiões do corpo no último ano. Isso pode ocorrer devido à realização de atividades como transferência dos pacientes, mover camas, ajudar pacientes a tomar banho, posturas inadequadas ao carregar objetos pesados, repetitividade de movimentos e uso da força excessiva (SOUZA et al., 2015). Essa alta prevalência é corroborada por um estudo realizado com estudantes de enfermagem de uma universidade pública do estado de São Paulo, em que todos os participantes da pesquisa relataram ter tido pelo menos um sintoma musculoesquelético nos últimos 12 meses (MARTINS; FELLI, 2013).

É importante ressaltar que as lesões musculoesqueléticas ocasionadas pelo trabalho em profissionais da enfermagem não acontece apenas em âmbito hospitalar, em uma pesquisa investigou-se condições de trabalho e relações com os distúrbios osteomusculares de técnicos e auxiliares de enfermagem em instituições de longa permanência de idosos, foi averiguado condições desfavoráveis do espaço físico e equipamentos, ritmo acelerado, quantidade insuficiente de trabalhadores, sobrecargas no banho e troca de fraldas, entre outros, indicando relações com os distúrbios osteomusculares no trabalho. (PORTELA et al., 2015).

Uma revisão bibliográfica, realizada com artigos publicados entre os anos 2012

e 2017 mostraram que os profissionais de enfermagem, estão dentre as classes trabalhadoras mais atingidas por doenças osteomusculares. (SANTOS et al., 2017), isso se deve ao fato desses profissionais estarem expostos diariamente a vários fatores de risco em seu ambiente de trabalho, estando submetidos a desenvolver posturas impróprias causadas pelos mobiliários em altura indevida, manipulação inadequada dos pacientes, repetição de movimentos, posturas estáticas prolongadas, jornadas laborais exaustivas, grande número de tarefas, não utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), ausência de pausas e rodízios, monotonia, falta de treinamento e capacitação. (TRINDADE et al., 2012). Diante disso, a fisioterapia vem sendo eficaz em programas de promoção e prevenção, englobando métodos para melhorar a qualidade de vida do trabalhador, promovendo o desempenho e a produtividade. (OLIVEIRA et al., 2015).

Nosso estudo teve como objetivo avaliar a presença de dores osteomusculares nos técnicos de enfermagem de um Hospital público, onde foram coletadas informações através de um questionário, os dados coletados permitiram identificar que os trabalhadores de enfermagem do nosso estudo referiram maior frequência de dor nas regiões: lombar, pescoço/cervical, membros inferiores, ombros, região dorsal, punhos/mãos/dedos, o que se assemelha com o estudo de Magnago e colaboradores, 2010, o qual verificou a prevalência de sintomas musculoesqueléticos entre trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário público no interior do Rio Grande do Sul, onde houve maior frequência de dor nas regiões: lombar, pescoço, ombros e pernas, como também o estudo de De Almeida et al., 2013, que constatou que 81% dos profissionais de enfermagem sentem dores musculares em decorrência de atividades laborais; entre as estruturas corporais mais citadas estão coluna lombar, pernas, ombros e pescoço. Essa alta prevalência de dor na coluna lombar no presente estudo pode ser explicada pelo fato de que estes trabalhadores permanecem a maior parte do tempo em ortostatismo, a permanência nesta posição leva a dores musculares. (DE OLIVEIRA et al., 2015). Rodrigues et al 2013 mostra que posturas estáticas do corpo durante o trabalho exigem contrações isométricas que envolvem toda dimensão corporal, essas posturas desfavorecem o metabolismo do ácido láctico, que resultam quadros de dor, em outro estudo realizado entre trabalhadores de enfermagem, as atividades de movimentação, a manutenção de posturas estáticas e em flexão por tempo prolongado, como nos banhos de leito e o transporte de pacientes são as atividades mais associadas a este tipo de dor. Essas atividades também foram citadas por outros autores, que as complementam, dizendo que aparentemente nenhuma das técnicas atuais de transferência oferece proteção suficiente à equipe de enfermagem, e que isso pode explicar a alta prevalência de problemas dorsais entre esses trabalhadores (ANUNCIAÇÃO et al., 2016) Já, a execução dos cuidados, arrastar ou empurrar camas/macas/cadeiras de rodas com pacientes está mais associada a queixas de dor nos ombros e região cervical. (MAGNAGO et al., 2010).

Conforme observamos, no presente estudo os técnicos de enfermagem relataram que suas queixas de dores são maiores nos horários noturnos, isso pode ser explicado pelo fato de que no Brasil, os profissionais de enfermagem têm reconhecidamente longas jornadas de trabalho, com plantões de 12 horas seguidos por 36 horas de descanso que permitem que esses profissionais se dediquem a mais de uma atividade produtiva. (SILVA et al., 2011). Nesse grupo profissional, as longas jornadas podem levar à exaustão e fadiga, podendo afetar a proteção aos pacientes, além disso, em função da predominância feminina, a jornada de trabalho profissional se acrescenta ao trabalho doméstico. (PEREIRA et al., 2018). A associação do trabalho noturno com longa jornada de trabalho profissional possivelmente ocorre porque a maioria desses trabalhadores trabalha em pelo menos mais um emprego diurno ou noturno na área de enfermagem. Como observado por Freire et al 2016 o trabalhador submetido a cargas físicas e psíquicas pode ter sua saúde e qualidade de vida afetadas. Entre as explicações referentes à dor no período noturno está a redução do tempo de sono. O tempo que seria destinado a dormir geralmente não é destinado ao repouso, mas sim a outras atividades, sejam domésticas, sejam profissionais, nem sempre possibilitando que o trabalhador considere suas necessidades de lazer e descanso. (SILVA et al 2011).

Não se pode esquecer que 86% dos trabalhadores apresentaram sintoma em alguma região do corpo, o que pode ter associação entre carga horária prolongada com a queixa de dor. Em um estudo realizado com profissionais da enfermagem foi verificado a satisfação com seu salário, do total de cinquenta e dois respondentes, 84,6% estão insatisfeitos com o seu salário atual na instituição, as justificativas foram: salário não atende às necessidades pessoais e profissionais o que não se adequa à atual realidade capitalista e, além do mais, consideram este valor incompatível para as atribuições, carga horária e para um profissional com nível superior, tendo que trabalhar em mais de um emprego. (AZEVEDO et al., 2016).

A qualidade de vida geral no presente estudo evidenciou que a qualidade de vida dos técnicos de enfermagem mostrou se relativamente baixa em todos os domínios (psíquico, social, ambiente, físico), através do Whoqol-Bref considerando os valores mínimo e máximo entre 0-100 respectivamente, no nosso estudo o domínio Físico apresentou a menor pontuação (55,2), esses resultados apontam um desgaste físico, característico do ofício da enfermagem como relata Maciel et al (2014). Este domínio abrange os aspectos de dor e desconforto, energia, fadiga, sono e repouso, estudos corroboram que o adoecimento físico e psíquico dos indivíduos devido à sobrecarga relacionada às condições inadequadas do ambiente e organização do trabalho é um aspecto comum, vivido diariamente pelos profissionais de enfermagem. (FERNANDES et al., 2010). Como já visto o excesso de trabalho, múltiplos empregos, altas jornadas de trabalho, desgasta o profissional, originando cansaço e dores, o que torna os trabalhadores fisicamente mais desgastados. (COSTA; FREIRE 2016). Neste estudo o domínio relações sociais obteve o melhor escore na percepção da QV dos técnicos

de enfermagem, constituído por questões de nível de satisfação com as pessoas do círculo social, o apoio que recebe e a satisfação com a atividade sexual. (RIOS et al., 2010), conferindo que esses profissionais possuem relações interpessoais satisfatórias. O domínio que se refere à dimensão psicológica (65,8), segundo a literatura, o seu baixo escore pode ser atribuído devido às pressões constantes para tomada de decisões rápidas na rotina de trabalho, falta de descanso entre um plantão e outro e situações em que lidam com o sofrimento alheio e com a morte, longas jornadas de trabalho, produção acelerada, pressão repressora e autoritária, ansiedade, irritabilidade. (GARCIA et al, 2012)

O baixo escore do domínio meio ambiente deve-se, ao fato de o serviço de saúde não dispor de uma estrutura moderna e qualificada que ofereça a seus colaboradores benefícios como: plano de saúde, serviço de transporte, creches, segurança física, estabilidade profissional, acúmulo de vínculos empregatícios, o trabalho nos fins de semana, feriados e período noturno. Isso já foi descrito por Nunes et al(2015), onde o domínio ambiental também obteve-se baixo escore.

Em uma pesquisa em um hospital privado foi avaliada a qualidade de vida e depressão de técnicos e auxiliares de enfermagem por meio do WHOQOL-bref, notou-se que a presença de problemas de saúde levou a maior índice de depressão e menor escore de QV no aspecto geral e psicológico e se correlacionaram à atividade laboral. (RIOS et al., 2010). Ao correlacionar a influência da satisfação no trabalho para a qualidade de vida, Renner et al 2014, em seu estudo com técnicos de enfermagem no hospital de Vale do Sinos (RS), indicaram que, quanto ao ambiente físico, assim quanto aos relacionamentos interpessoais, os técnicos de enfermagem estão satisfeitos, os mais altos índices de insatisfação estão relacionados à baixa remuneração, o que acaba repercutindo na necessidade de mais de um emprego, implicando sobrecarga física e emocional e, em consequência, interferência negativa na qualidade de vida.

CONCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa contribuíram para ampliar a presença de dores osteomusculares relacionadas às atividades laborais exercidas. A dor lombar foi à região de dor mais citada pelos participantes, o que pode acarretar a diversas patologias, além disso, foi constatada a prevalência de dor crônica, o que demonstra um sério problema de saúde na população estudada, pois conforme vimos à dor afeta a produtividade do trabalho, o bem-estar e a vida social. Neste contexto demonstramos a importância da fisioterapia nestes locais de trabalho, tanto em programas de promoção como de prevenção, diminuindo lesões musculoesqueléticas e consequentemente melhorando a qualidade de vida desses profissionais.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M.C et al. Musculoskeletal disorders and the care work of elderly in institutions. **Fisioterapia em Movimento**, v. 23, n. 1, p. 63-72, 2010.
- ANUNCIACÃO, C.G.M. et al. Sinais e sintomas osteomusculares relacionadas ao trabalho em profissionais de enfermagem. **Saúde (Santa Maria)**, v. 42, n. 2, p. 31-40, 2016.
- AZEVEDO, B. D. S.; et al. Estresse ocupacional e insatisfação com a qualidade de vida no trabalho da enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 26, n. 1, p. 1-11, 2017.
- DE ALMEIDA, D.R. et al. Conhecendo os principais sintomas da doença osteomuscular (LER-DORT) que acometem profissionais de enfermagem de uma clínica do Hospital Regional de Cáceres doutor Antônio Fontes, Mato Grosso, Brasil. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, n. 1, p. 2607-2631, 2014.
- DELIBERATO, P.C.P. Fisioterapia Preventiva. São Paulo: Manole, 2002.
- EDWARDS, NL et al. Perda de produtividade no trabalho devido a surtos em pacientes com gota crônica refratária à terapia convencional. **Jornal de economia médica**, v. 14, n. 1, p. 10-15, 2011.
- FREIRE, M. N.; COSTA, E.R. Qualidade de vida dos profissionais de enfermagem no ambiente de trabalho. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 5, n. 1, 2016.
- GARCIA, V. M. D. et al. Análise do perfil do paciente portador de doença osteomuscular relacionada ao trabalho(DORT) e usuário do serviço de saúde do trabalhadr do SUS em Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, v. 8, n. 3, p.273-278, 2012.
- MACIEL, M. E. Det al.. Qualidade de vida do profissional técnico de enfermagem: a realidade de um hospital filantrópico em Dourados-MS. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 6, n. 1, 2014.
- MAGNAGO, T. S. B. de Souza et al. Condições de trabalho, características sociodemográficas e distúrbios musculoesqueléticos em trabalhadores de enfermagem. **Enfermagem em Foco**, v.23, n.2, p:187-93. 2010.
- MARTINS, A. C.; FELLI, V. E. A. Sintomas musculoesqueléticos em graduandos de enfermagem. **Enfermagem em Foco**, v. 4, n. 1, p. 58–62, 2013.
- MARTINEZ, J. E. et al. Análise da aplicabilidade de três instrumentos de avaliação de dor em distintas unidades de atendimento: ambulatório, enfermaria e urgência. **Rev Bras Reumatol**, v. 51, n. 4, p. 299-308, 2011.
- NUNES MARQUES, A.L. et al. Qualidade de vida e contexto de trabalho de profissionais de enfermagem da Estratégia Saúde da Família. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 16, n. 5, 2015.
- OLIVEIRA, M. M. de et al. Problema crônico de coluna e diagnóstico de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT) autorreferidos no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, p. 287-296, 2015.
- PEREIRA, G.C.A et al. Ocorrência dos Sinais e Sintomas de DORT na Equipe de Enfermagem. **Revista Equilíbrio Corporal e Saúde**, v. 9, n. 1, p. 5-13, 2018..
- PORTELA, N.L.C. Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT) e sua associação com condições de trabalho da enfermagem/Distúrbios osteomusculares.. **Revista de Enfermagem da UFPI**, v. 4, n. 4, p. 82-87, 2015.
- RENNER, J.S et al. Qualidade de vida e satisfação no trabalho: a percepção dos técnicos de enfermagem que atuam em ambiente hospitalar. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 2, p. 440-

453, 2014..

RIOS, K.A. et al. Avaliação de qualidade de vida e depressão de técnicos e auxiliares de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 413-420, 2010.

SANTOS, A. P. Evidências de distúrbios osteomusculares relacionado ao trabalho (DORT) EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM. v. 9, n. 1, p. 122-127,2017.

SCHMIDT, R; et al. Qualidade de vida no trabalho e distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho entre profissionais de enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, n. 5, p. 701-707, 2016.

SCHMIDT, R. C. et all. Qualidade de vida no trabalho e burnout em trabalhadores de enfermagem de Unidade de Terapia Intensiva. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 66, n. 1, 2013.

SILVA, E.E.C.M. et al. Avaliação ergonômica do posto de urgência em uma unidade mista de saúde na cidade de Natal/Rio Grande do Norte. **J. res.: fundam. care. online**. 5, n. 3, p. 227-34, jul./set. 2011.

SOUSA, B. V. N. et al. Lesões por esforço repetitivo em profissionais de enfermagem: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Saúde Funcional**, v. 1, n. 3, p. 59, 2016.

TRINDADE, L.L. et al. Trabalhadores da indústria têxtil: o labor e suas dores osteomusculares. **Journal of Nursing and Health**, v. 2, n. 2, p. 377-87, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adulto jovem 258
Assistência ao paciente 85, 92, 192, 194
Assistência à saúde 11, 65, 83, 84, 85, 86, 94, 160, 180
Assistência de enfermagem 24, 40, 68, 76, 119, 140, 169, 191, 192, 199, 270, 280
Atenção primária à saúde 138, 139, 140, 149, 243
Atenção primária em saúde 142, 143, 145, 157, 174
Autoimagem feminina 202

C

Cardiopatas congênitas 66, 68, 70, 80, 81
Coleta de dados 4, 14, 22, 25, 34, 37, 47, 54, 69, 86, 117, 120, 121, 131, 152, 158, 159, 160, 161, 162, 168, 169, 232, 233, 260, 272, 273, 281, 284
Complicações na gravidez 270
Comunicação em saúde 139
Conhecimento 3, 20, 26, 27, 31, 32, 41, 42, 46, 51, 54, 57, 60, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 98, 104, 106, 112, 113, 115, 117, 118, 120, 121, 123, 125, 126, 130, 135, 136, 138, 143, 145, 148, 150, 155, 156, 157, 159, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 196, 203, 231, 236, 237, 240, 243, 244, 259, 260, 262, 263, 264, 265, 267, 268, 276, 289
Criança 46, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 96, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 117, 123, 147, 178, 214, 226, 287, 292, 300, 302, 303, 306, 309
Cuidado pré-natal 45, 139
Cuidados de enfermagem 81, 112, 114, 131, 137, 183, 184, 188, 192, 200
Cuidados pós-operatórios 67
Cuidados pré-operatórios 78
Currículo 2, 6, 7, 65, 117, 118, 119, 120, 124, 125, 126, 127
Curso de enfermagem 1, 4, 5, 65, 114, 124, 158, 175

D

Dia internacional da mulher 202
Doenças crônicas 15, 19, 96, 97, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 147, 176, 293, 296, 299
Doenças de crianças 97
Doenças sexualmente transmissíveis 48, 51, 257, 267

E

Educação 6, 9, 10, 41, 42, 53, 55, 58, 59, 66, 68, 74, 81, 91, 97, 98, 104, 109, 110, 115, 118, 119, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 142, 143, 145, 147, 148, 160, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 191, 210, 214, 218, 236, 238, 243, 278, 292, 293, 297, 309
Educação em enfermagem 55
Educação em saúde 41, 58, 59, 66, 68, 97, 98, 104, 109, 110, 128, 129, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 142, 143, 145, 147, 148, 173, 175, 177, 178, 181, 243
Educação permanente 41, 42, 91, 171, 172, 173, 174, 175, 180, 181, 183

Enfermagem forense 112, 113, 114, 115, 116
Enfermagem neonatal 45
Enfermeiros 2, 3, 5, 8, 20, 25, 30, 31, 33, 36, 37, 43, 49, 76, 81, 85, 105, 110, 112, 114, 115, 129, 131, 132, 138, 145, 161, 176, 177, 197, 199, 243
Envelhecimento 15, 129, 144, 207, 209, 211, 213, 215, 243, 245, 292, 293, 296, 297
Epidemiologia 20, 48, 53, 80, 94, 155, 227, 229, 243, 255, 280
Equipe de enfermagem 8, 11, 15, 23, 24, 25, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 44, 76, 113, 182, 183, 187, 189, 191, 192, 193, 215, 252, 255
Estágio curricular 65, 142, 149
Estratégia de saúde da família 149
Exame Papanicolau 64, 243

F

Família 6, 7, 16, 17, 53, 56, 63, 74, 76, 77, 78, 81, 96, 97, 101, 103, 105, 106, 110, 115, 129, 130, 132, 136, 137, 138, 140, 142, 143, 144, 148, 149, 153, 154, 155, 157, 178, 205, 207, 209, 211, 214, 215, 225, 227, 228, 230, 243, 244, 255, 283, 287, 296, 297, 304
Fisioterapia 245, 252, 254, 255
Fístula arteriovenosa 182, 183, 184, 193

G

Grupos focais 158, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170

H

Hemodiálise 182, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 193
Higiene das mãos 83, 84, 92, 94
Humanização da assistência 281, 283, 290

I

Idoso 123, 128, 147, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 213, 214, 215, 216, 292, 294, 295, 296, 297
Infecção hospitalar 84, 91, 193

L

Lesões intraepiteliais escamosas cervicais 229

M

Metodologia 4, 24, 37, 47, 53, 57, 69, 91, 99, 112, 131, 145, 150, 158, 169, 173, 178, 179, 185, 208, 231, 247, 259, 272, 284, 300
Morte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 19, 36, 38, 52, 54, 55, 68, 112, 113, 151, 152, 153, 195, 207, 209, 254, 279, 300

N

Necessidades e Demandas de Serviços de Saúde 172
Neonatologia 45

P

Papel da enfermagem na saúde da mulher 202

Parto humanizado 281, 283
Percepção social 292
Pesquisa qualitativa 20, 51, 57, 158, 169, 292
Pessoal de saúde 172
Pré-eclâmpsia 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280
Preservativos 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268
Promoção da saúde 13, 15, 33, 43, 110, 130, 137, 143, 149, 171, 172, 207, 265, 292, 295, 297, 309

Q

Qualidade de vida 32, 41, 43, 55, 66, 74, 101, 103, 119, 129, 130, 135, 144, 180, 183, 185, 203, 209, 214, 219, 222, 243, 245, 247, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 293

S

Saúde da mulher 11, 17, 52, 55, 56, 62, 64, 65, 117, 123, 147, 156, 202, 217, 218, 229, 290, 309
Saúde do idoso 123, 147, 207, 292, 295, 296
Saúde do trabalhador 23, 30, 32, 35, 39, 117, 123
Saúde mental 21, 23, 24, 28, 33, 35, 43, 123, 147, 224
Segurança do paciente 28, 79, 84, 85, 91, 92, 94, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 195, 200
Serviços médicos de emergência 84
Sexo sem proteção 258
Sexualidade 169, 257, 259, 262, 264
Sífilis 45, 46, 47, 50, 52, 53
Sífilis congênita 45, 46, 47, 50, 52, 53
Síndrome nefrótica 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110
Sofrimento mental 28

T

Tabagismo 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 130
Técnicos de enfermagem 20, 25, 32, 37, 43, 85, 161, 177, 197, 198, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255
Trabalho de parto 281, 282, 283, 284, 285, 286, 288, 289, 290

U

Unidade de terapia intensiva 77, 93, 95, 194, 195, 196, 271

V

Velhice 55, 205, 206, 207, 213, 296, 297
Violência 32, 112, 113, 114, 115, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 178, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 265
Violência contra a mulher 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 211, 226, 227
Violência de gênero 150, 152, 154, 155, 156, 157, 217, 225, 227
Violência doméstica 150, 152, 217, 219, 220, 222, 223, 227

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-812-0



9 788572 478120